

Sociologia e cultura: ultrapassando desconfianças



Montagem. Drummond, Capanema e a inauguração do prédio do MES.

Helena Bomeny

Doutora em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução, do Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (SBI/IUPERJ). Professora titular de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *Intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. bomeny@fgv.br

Sociologia e cultura: ultrapassando desconfianças*

Helena Bomeny



Este texto foi provocado pela reflexão sobre uma experiência. Em 1990, por ocasião dos 60 anos da publicação de *Alguma poesia*, primeiro livro do poeta Carlos Drummond de Andrade, o Centro Cultural Banco do Brasil (CBBB) do Rio de Janeiro promoveu uma grande exposição. O centro havia sido inaugurado com uma exposição mais modesta sobre Machado de Assis, mas foi com *Drummond alguma poesia* que o CCBB considerou abertas as atividades culturais de grande envergadura que já são uma tradição no Rio de Janeiro.

Àquela altura, aluna de doutorado do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), eu desenvolvia minha pesquisa de tese sobre a primeira geração modernista mineira — os intelectuais que integraram a equipe de Gustavo Capanema, ministro da Educação no período de 1934 a 1945, notabilizado, principalmente, pela constelação de intelectuais que esteve no ministério criando, propondo e conduzindo políticas de cultura e educação em muitos pontos até hoje intocadas.¹ Na chefia de gabinete, figurava o poeta Carlos Drummond de Andrade. Na liderança da política de preservação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Mello Franco, cumprindo o projeto desenhado originalmente por Mário de Andrade. Pela arquitetura, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, para não mencionar outros poetas, como Jorge de Lima, escritores, além de músicos como Heitor Villa-Lobos. Um conjunto que o tempo foi consagrando e fazendo da pesquisa sobre o período um desafio instigante por se tratar de combinar, simultaneamente, intelectuais de grande calibre em suas áreas, aqueles que tocavam e tocam as pessoas pela sensibilidade, com um momento duro da vida nacional — a ditadura do Estado Novo. Recepcionar, lidar com e expor biografias em confronto com percepções de momento histórico.

O investimento que eu fazia à ocasião sobre a geração modernista serviu como fundamento à indicação para que eu coordenasse a equipe da pesquisa que sistematizaria a base de dados para o roteiro da exposição. Assim começou meu envolvimento. Um argumento de tese transportado para um roteiro de exposição. Um fio sociológico como motivo de enredo de uma celebridade em uma das manifestações da arte. Sociologia e cultura estariam entrelaçadas. Uma Sociologia da Cultura ou uma Sociologia com cultura. Talvez seja já interessante incorporar o que mais adiante aparecerá: uma Sociologia Cultural.

O movimento de uma equipe de 400 profissionais

A preparação de *Drummond alguma poesia* durou oito meses. Ato-

* Texto escrito para apresentação no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS), realizado em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no período de 29 de maio a 1.º de junho de 2007.

¹ A tese foi publicada em forma de livro: BOMENY, Helena. *Guardiães da razão. Modernistas mineiros*. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

res, músicos, cenógrafos, programadores visuais, *designers*, intelectuais, pesquisadores, técnicos e assistentes de produção integraram a equipe que foi sendo constituída aos poucos e com muita intensidade. Revisitar o poeta Carlos Drummond era desafio duplo: controlar o encantamento com exposição à crítica externa. Afinal, Drummond era o poeta de domínio público e intelectual, desde o gosto cultivado de leitores especiais até os consumidores das indicações didáticas nos cursos escolares. Para a montagem das salas de exposição, pesquisadores transformaram-se em “detetives” e fizeram-se conhecidos nos jornais, revistas, redes de televisão, arquivos públicos e privados, institutos e fundações de pesquisa no Rio, em Minas e em São Paulo. Lembro-me da primeira decisão que tomei como coordenadora de pesquisa: enviar uma carta para as secretarias de Cultura de Minas Gerais, para intelectuais da geração de Drummond ou da geração próxima e para centros de documentação, institutos de pesquisa e universidades. A correspondência enviada registrava que, se alguém tivesse algo sobre o poeta, um bilhete, uma carta, uma foto, um relato, uma menção de qualquer natureza e que se dispusesse a ceder para a exposição, estaríamos abertos a receber e cuidaríamos para que o material fosse tratado com o cuidado de acervo. O único retorno que tivemos de imediato foi de José Mindlin, oferecendo o que dispunha em seu acervo. E não era pouca coisa. Daquele gesto espontâneo nasceu uma amizade que tenho o privilégio de ver conservada e ampliada ao longo de anos.

O que nos animava como equipe era a convicção de que “nada podia escapar à procura”. Filtraríamos, posteriormente, da diversidade de materiais, aquilo que pudesse compor a trajetória do poeta. E foi essa orientação detetivesca que nos forneceu o tempero e que, também, provocou a necessidade de lidar com constrangimentos que o roteiro incorporou². Um mais óbvio e notório, já tratado na literatura sociológica — Drummond escudeiro fiel do ministro da ditadura —, e outro, conhecido de círculo pequeno e mais íntimo — a relação de mais de 30 anos com Lygia Fernandes, sem rompimento do matrimônio com Dolores, mãe de sua única filha.

A biografia de um célebre

No catálogo simples, e de circulação modesta, muito menor do que os que hoje são produzidos nos eventos do CCBB, eu assinei, como curadora da exposição, o texto “Um olhar sobre Drummond”. Retomo-o aqui como ponto de partida para dois ou três pontos que gostaria de levantar.

Carlos Drummond de Andrade fez parte de uma geração de intelectuais da recém-planejada Belo Horizonte dos anos 1920, uma capital criada em 1897, que ainda não completara a idade de muitos daqueles jovens dos 20 e poucos anos. Como outros de sua geração, Drummond sofria do insulamento provinciano diante da ambição universalista que o mundo das letras e das descobertas poéticas já anunciava. Não o abandonou ao longo da vida o fantasma da província, a educação familiar, a presença paterna, a rigidez moral. Conheceu e, cada vez mais, se contagiou do universo intelectual, na leitura faminta dos clássicos, aproximando-se dos grandes temas modernos, distinguindo-se entre os amigos de

² Beatriz Kushnir e Alexandra Mello foram assistentes impecáveis na busca de materiais da exposição.

geração. Drummond atravessa a vida pelo exercício intelectual, convencido de que o contato com o mundo se realiza na atividade intelectual. E desde logo, no entanto, descobre a limitação de seu universo particular e sofre no reconhecimento de que o mundo dos sentidos nem sempre obedece às regras do comportado mundo intelectual, do controlável mundo intelectual. Pela razão, seria possível entrar em comunicação com todos os que alguma afinidade tivessem com o cultivo intelectual. Mas os sentidos o embaraçavam. Foram sempre a evidência diária de seu limite. Lembravam-lhe a criação provinciana, a limitação na informação, a distância entre saber e fazer, entre sentir e ser.

Espécie de profecia já o marcara de nascimento: a voz do anjo torto renunciando a tensão da vida inteira. “Vai, Carlos, ser *gauche* na vida.” Porque menino, na Itabira quente e lenta, encolhia-se no desconforto de não conseguir se impregnar do encanto rural. Filho de fazendeiro, o poeta conheceria o prazer na literatura — “comprida história que não acaba mais”... Aprendizado doloroso que o expunha em toda a fragilidade, apequenando-o frente à imensa e inatingível figura do pai; anunciando-lhe a involuntária convivência da separação entre sentidos e razão.

Foi quando, em 1924, encontrou no olhar de Mário de Andrade a grande possibilidade de juntar razão e paixão. Era o brilhante paulista que vinha do Sul, com a ousadia dos tempos modernos, da concepção moderna, irreverente, impulsiva, o contraponto às convenções. Quem sabe agora? Quem sabe de alguma forma, e por alguma via, poderia refazer o trajeto da convenção provinciana, imprimindo-lhe a ousadia do novo. Quem sabe na irreverência intelectual encontraria, junto com sua geração, o caminho da libertação pessoal, do mergulho na sensibilidade? Ousou o poeta. Liderava, na jovem capital de Minas Gerais dos anos 20, o grupo de intelectuais de sua geração. Pedro Nava, Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Emílio Moura, Mário Casassanta, Milton Campos, Guilhermino César, Gustavo Capanema, Afonso Arinos... Os amigos chegando e criando um elo de reflexão misturada ao deleite. O Bar do Ponto, onde esperavam o bonde, iria se transformando em ponto de encontro e troca universalizável. A Confeitaria ou Bar Estrela, espécie de academia, a um só tempo tornava-se bar e ponto de encontro de intelectuais que construía sua particular visão de mundo. A Rua da Bahia, galeria de celebridades, invenção e aura dos rapazes ilustrados de Belo Horizonte. Um encantamento que encontra ressonância nas palavras de Pedro Nava, em seus livros de memória, *Beira-mar* e *Chão de ferro*: “Escrevi à tia Alice carta que releio comovido, para avivar minhas lembranças dessa fase. Nela dizia: ‘agora estamos a três quarteirões do Bar do Ponto, que é o centro. Eu me referia ao centro da cidade, mas logo veria que aquilo era o centro de Minas, do Brasil, do Mundo Mundo vasto Mundo’”.³

Os anos 20 iam se temperando com ervas de notável sabor. O sabor da insensatez, rompimento de tradição enrijecida, aquecimento de práticas congeladas em rotina previsível. É como se Drummond apostasse nisso, na possibilidade de romper, como no ritmo dos versos, o ritmo sabido de uma rotina enfadonha. Rearranja proximidades de palavras, recombina a escrita, fazendo *ficção*. Abandona o filão tradicional da poesia — e da literatura — marcada pelo evento, comprometida com os fatos, literatura que fecha a porta à imaginação. “Mineiro gosta de falar do que aconteceu”, eis uma crença difundida em Minas Gerais. Talvez aí



³ NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias*, 4. Cotia Ateliê, 2003, e *Chão de ferro: memórias*, 3. Cotia Ateliê, 2001.

estivesse o ponto da interdição ao imaginário. O relato sucessivo de tudo, tintim por tintim... cada fato, cada evento, na cronologia monótona do documental. Quem sabe aquela seria a hora de repensar a tradição, de reimprimir outro sentido à criação? Esta poderia ser uma interpretação do projeto daquele grupo, sob a liderança intelectual do jovem Drummond dos anos 20.

Mas, já naquele momento, Mário de Andrade intervinha como vigilante dos sentidos. Denunciava ao amigo a "literatice", cobrava do grupo mineiro que "gostasse mais da vida", que não temesse tanto diante da sensação, da emoção, do imprevisto. A segurança dos fatos freava o sentir livremente a vida. Mário puxando para o nacional, para o cultural; nosso poeta tentando chegar ao nacional com a referência do universal, do clássico, do que atravessa tempo e espaço. "Não acho graça alguma na incivilidade do Brasil", diria o poeta mineiro ao modernista paulista. A única saída seria o refinamento. Que refinamento? Aquele que lhe reservava o exercício intelectual.

Essa a tensão permanente que acompanha toda a vida de Drummond: sabedoria universal e uma espécie de aleijamento sensorial. A ousadia dos 20 e poucos anos seria amortecida em breve nos versos: "E como ficou chato ser moderno/ Agora serei eterno". Ficou "chato" porque de impossível realização. O peso da tradição era mais forte do que seu impulso de 20 e poucos anos de irreverência. E ficou chato porque a tradição cultural mineira estava marcada pelo tradicional. E a força daquela tradição pesava nos ombros com mais vigor do que os ares renovadores do moderno. Tradição que fazia rotina o que nascera da ousadia. Então, que o protegesse o permanente. E o socorresse o veio clássico ordenador, resguardando-o dos modismos passageiros. Estaria assegurado contra os desvarios dos impulsos da paixão, o exagero com que os sentidos ameaçam. O descontrole dos sentidos acaba se transformando na paixão medida.

A timidez, o olhar sempre baixo, os braços sempre cruzados, todos os gestos medidos, controlados, contidos, atentos ao olhar do outro. O gesto público é envolvido nos segredos e no controle regulador traduzido em comportamentos sabidos, previsíveis, prudentes. Correção, prudência, moderação, as palavras e noções que acabariam construindo o imaginário do ser mineiro. E fazia de sua vida rotina absolutamente organizada, previsível. "Arrumo a mesa todos os dias. Os papéis copulam à noite. Então, se não arrumamos diariamente, eles tomam conta de nossa casa e de nós também", costumava dizer em conversas informais, como as que tive a chance de ter pela amizade que desfrutava com sua filha, Maria Julieta.

Onde seria possível o descontrole? Na poesia? A libertação pelo imaginário. Onde mais, na vida comum? Dentro das paredes da casa que considerava sua, onde podia se deixar quebrar com o humor, as gaiatices, as piadas picantes. Em algum recanto desconhecido ou não deixado público. Com poucos e muito selecionados íntimos. Mas, certamente, não nas Minas Gerais. Porque elas cercam, elas deixam marcadas no poeta a nostalgia do mar, a ânsia de espontaneidade, do ser só por sensibilidade. Elas lembram os limites, lembram as fronteiras. Ela, a lembrança mineira, se transforma no labirinto do qual lutara tão intensamente por se libertar. E foi na experiência dolorosa de procura da libertação, e na obsti-



nação em fazer daquela tradição algo maior, que, com dor, com profunda consciência da distância que o separava de tamanha ambição, acabaria confessando quase amargamente: “Minas não há mais”.

A experiência de trabalhar com Drummond deixou na equipe envolvida com *Drummond alguma poesia* as sensações do encontro com as divisões do poeta. Sentimos na pele suas idas e vindas como reveladoras de nossas próprias idas e vindas. Emocionamo-nos, desapontamo-nos, fortalecemo-nos, irritamo-nos tantas vezes... Entramos, pelas mãos do poeta, em contato com nossos demônios, com nossa província internalizada, com nosso próprio aleijamento. E fomos, assim, tecendo a história que *Drummond alguma poesia* pretendeu contar. O anjo torto de cada um, a face de cada qual, a infância, a Itabira de todos nós, as pedras do caminho, “os bicos de luz estrelas inumeráveis”. O trajeto comum nos passos do Carlos. Nossa emoção nos movimentos do poeta. Estava vivo Drummond! Tradutor universal dos pedaços do homem comum. E estava posto o desafio: cumprir o trajeto de deixar pública a carreira de um personagem que evitou em vida, por todos os expedientes, dar mostras de sua vida privada.

Dois ou três pontos no olhar sobre o experimento

Primeiro ponto a assinalar: o paradoxo drummondiano de experimentar a vida pela via intelectual, racionalista e universal — expressando-se literariamente com tal convicção — e manter-se insulado, na ilusão da reclusão intimista do mundo privado. De domínio público pela expressão literária da poesia e das crônicas de jornal — o cotidiano marcado na e pela poesia ou prosa poética — e na reclusão da vida privada em extremado recolhimento de que são evidências as fotos, a resistência continuada às apresentações públicas ou a economia de declarações sobre sua vida privada. O universal em confronto com o encrustamento da vida privada, a atitude de “reserva simmeliana”, foi um dos primeiros dilemas que se refletiu na montagem do trajeto daquele personagem público por muitos recursos de mídia, visual, cinematográfica, teatral ou musical. Exemplar nesse particular foi o precário equilíbrio que a equipe de *Drummond alguma poesia* teve que manter com a difícil negociação a respeito do *box* sobre Ligia Fernandes, a mulher com quem Drummond teve, desde os seus 50 anos, uma relação extraconjugal. Foi do acervo de Ligia que selecionamos um desenho do poeta que ilustrou a capa do catálogo, o desenho de um bicho com a frase reveladora escrita pelo poeta: “o estranho bicho que tinha coração. Eu?” Mas a montagem do *box* significava a exposição pública e definitiva de uma história que o poeta e sua família conservaram restrita ao mundo doméstico por décadas.

Um segundo ponto dessa entrada: o dilema de um poeta que se envolveu politicamente como intelectual “escriva oficial”. De novo em foco o paradoxo do distanciamento e da reserva à exposição pública recuperado por analistas e exposto à opinião de todos: a participação de Drummond e seu envolvimento direto em um dos momentos densos da política nacional. Compor o ministério Capanema e manter-se reservado como poeta e como indivíduo, este era o desafio a que se impunha Drummond. O constrangimento aqui veio do conhecimento que tínhamos a respeito da reação de Carlos Drummond a um livro produzido na

comunidade acadêmica de ciências sociais sobre a participação de intelectuais no ministério do Estado Novo. O impacto do livro de Sergio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920–1945)*³, sobre Drummond levou-me ao universo que Edward Said conceituou tão bem em seu *Representações do intelectual*⁴. Já por ocasião de minha pesquisa de doutoramento, encontrara em Said apoio para lidar com o que o poeta expressava como constrangimento pelo fato de ter e “não querer ter estado” vinculado ao ministério do Estado Novo. O esforço de Drummond em demonstrar distanciamento com relação à política que se implementava no Estado Novo me conduziu à discussão proposta por Said acerca de concepções sobre o papel dos intelectuais. A “traição dos clérigos”, já de muito conhecida pela sugestão de Julien Benda, parecia responder convincentemente ao dilema de que foi tomado o poeta mineiro sempre que sua presença constante e fiel ao ministro Capanema era tomada como indicação de seu comprometimento político com o regime autoritário. Não conhecendo Said, Drummond, com sua angústia, confirmaria a tese de Julien Benda.

Mobilizada pelo paradoxo drummondiano — tensão dilacerante entre exposição pública e reserva privada —, encontrei, como já disse, em Edward Said elementos para a compreensão do significado sociológico do que se expressava em tensão individual. Nas conferências publicadas em *Representações do intelectual*, Said percorre o trajeto de concepções e vivências de dilemas implicados na cobrança aos intelectuais do enquadramento ao *slogan*, à linha partidária ortodoxa ou ao dogma rígido. A definição que propõe é direta: “a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.”⁵

Mas chega a esse ponto passando por duas concepções que rondam com força interpretativa a compreensão do papel dos intelectuais. As contribuições de Antônio Gramsci na clássica divisão entre intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos e a postulação de Julien Benda — o enclausuramento de uma casta que tem como *ethos* padrões eternos de verdade e justiça que não são precisamente deste mundo. A terminologia de que se vale Benda — clérigos — para se referir aos intelectuais é exemplar como tradução do sentido que atribui à clausura esperada daqueles que tomam como destino a atividade do espírito. Na apropriação que Said faz de Gramsci, o ponto que me parece interessante é a extensão do conceito de intelectual, a ampliação de sua significação, na categoria intelectual orgânico. Incluem-se nela os que estão envolvidos ativamente na sociedade. Os intelectuais aqui incluídos estão sempre em movimento, tentando fazer negócios e ampliar mercados (especialistas em publicidade e relações públicas, por exemplo, alguém que numa sociedade democrática tenta ganhar a adesão de clientes potenciais, que se esforça por obter aprovação, nortear o consumidor ou o eleitorado). Entre o envolvido socialmente (Gramsci) e o que se constitui “na consciência moral” da sociedade (Benda) instala-se a tensão de Carlos Drummond de Andrade. Seguindo a matriz dos clérigos — ideal que, a meu juízo, informa a autopercepção dos intelectuais como Drummond —, o poeta teria que renunciar ao convite para a política, ao lugar onde se pôs no ministério

³ MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920–1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

⁵ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁷ Ver ALEXANDER, Jeffrey. *Sociología cultural. Formas de clasificación en las sociedades complejas*. Introducción de Isidro H. Cisneros y Germán Pérez Fernández del Castillo. Rubí (Barcelona)-México: An-thropos/FLACSO, 2000.

⁸ Jeffrey Alexander. *The meanings of social life: a cultural sociology*. New York: Oxford University Press, 2003, p. 5.

do Estado Novo. Aceitando a nomeação gramsciana, Drummond nela se incluiria como “escriva oficial” — o especialista de que se vale o ministro Capanema para comunicar ações do ministério na escrita e nos documentos. Mesmo aqui, permanecem o desconforto e a desconfiança que o levaram à declaração — “servi ao ministro, não ao regime”.

Intelectuais e poder configuram um cruzamento nem sempre de fácil manuseio. A extensa literatura das ciências sociais sobre o tema é demonstração da dificuldade de combinar expectativas com relação aos papéis atribuídos a um e a outro agente — ao intelectual e ao político. O tema dos intelectuais é parte constitutiva do que temos, na Sociologia, como referência à Sociologia da Cultura, mas também, quero acreditar, como o que, recentemente, vem sendo pensado como Sociologia Cultural. Foi com esse pretexto teórico de aproximação do campo de discussão na sociologia provocado pelo cruzamento de Sociologia com cultura que a retomada do experimento *Drummond alguma poesia*, 17 anos depois, fez sentido para mim. A centralidade que o tema da cultura ocupa na produção das ciências humanas ganha hoje mais uma roupagem. Na Sociologia, em particular, aparece até como alternativa teórica ao enfrentamento das questões que vêm redefinindo a disciplina. O pioneirismo de Jeffrey Alexander é sempre lembrado — Sociologia como campo de investigação destinado à compreensão e explicação do lugar privilegiado da cultura na construção social da realidade.⁶

Em que esta volta a 1990 pode provocar hoje uma conversa interessada? Meu ponto é que a relação entre intelectuais e sociedade é tema central em qualquer das perspectivas valorizadas contemporaneamente no campo da teoria sociológica. Tanto na Sociologia da Cultura, em seu projeto de desvendar e explicar a cultura como consequência de relações “reais” da vida social, fazendo dela uma variável dependente na análise sociológica, como na Sociologia Cultural, em seu esforço de compreender a cultura em seus próprios termos, fazendo dela uma variável independente, o tema dos intelectuais permanece com vitalidade provocadora. Vitalidade que inspirou os aportes conceituais das reflexões clássicas que passam por Karl Mannheim, Julien Benda e Antonio Gramsci, mantendo-se como desafio instigador em pensadores contemporâneos como Edward Said. Em sua postulação sobre o que está classificando como Sociologia cultural, Jeffrey Alexander é persuasivo no sentido de resgatar a dimensão subjetiva como parte constitutiva da análise e da compreensão sociológica. Encontramos nele esta sugestão:

A sociologia cultural faz das idéias e emoções coletivas algo central para seus métodos e teorias precisamente porque são esses sentimentos subjetivos e internos que freqüentemente parecem controlar o mundo. Subjetividades socialmente construídas formam a vontade das coletividades; modelam as regras de organizações; definem a substância moral da lei; e promovem os significados e motivações para tecnologias, economias e máquinas militares.⁷

A perspectiva da Sociologia Cultural é devedora da Antropologia. E como Fernando Cardoso Lima Neto desenvolveu elegantemente em sua dissertação de mestrado, Jeffrey Alexander e Roland Robertson, tributários da Antropologia, trazem de Clifford Geertz e de Marshal Sahlins as referências fomentadoras ao que anunciarão como “programa forte”

(Alexander) e “concepção sistemática dos termos em que a variação de cultura ocorre no mundo social” (Robertson)⁸. A Antropologia vem ao encontro da investida teórica da sociologia no sentido de quebrar o esquematismo de oposições clássicas, derivadas das duas antinomias fundamentais porque mais genéricas: indivíduo/sociedade; idealismo/objetivismo. É como se admitissem ambos, Alexander e Robertson, que o *corpus* teórico da Sociologia não fornece saída para seu próprio impasse teórico. Uma limitação da Sociologia ou dos teóricos? A incorporação da Antropologia sinaliza o esforço de flexibilização, sempre mais estimulante que a rigidez conceitual. Indo à Antropologia, Alexander acaba por fortalecer seu ponto sociológico sobre recuperação de um Durkheim, não incorrendo no que diz ter se constituído uma tradição da academia em dividir o Durkheim “sociólogo” e o Durkheim “antropólogo”. A tentativa de Alexander de fundir cultura e estrutura encontra em Durkheim o reforço necessário, sobretudo pela maneira como é construído em sua proposta sociológica o conceito de *mana* — o traço permanente que a religião em seus fundamentos escorados em valores consolida, internaliza e prolonga como símbolo, significado e orientação de ação. O esforço em fundir acaba sendo mais visível na proposição de Robertson — de inspiração em Sahlins —, que sumariza seu empenho tratando de forma indivisível o que na tradição de pensamento aparece, não raras vezes, como antíteses: em vez de economia e cultura, interesses e valores, é possível vislumbrar na sugestão de Robertson uma Economia como cultura. A inseparabilidade dos campos parece ser ainda a sugestão mais forte nos dois casos.

Mas é possível encontrar os elementos essenciais dessas provocações, com igual persuasão, em clássicos como Georg Simmel, para quem o mundo da vida só pode ser compreendido se dele não se retirar a dimensão da subjetividade, das emoções, daquilo que, afinal, dá envergadura ao que nomeou como “pulsões”. Se a formalização da Sociologia não prescinde do esforço de distanciamento, dificilmente prescindiria da inclusão, como parte integrante da ação social, da dimensão subjetiva, emocional, dos sentimentos de que se vale Alexander para fundamentar seu conceito. A convicção simmeliana de que o mundo da vida é permeado e se deixa permear por conflitantes orientações fez de sua sociologia um esforço de teorização no qual a interação, mais do que as antinomias, sobressai como fonte e desdobramento analítico. A sociologia de Simmel, como a de Max Weber, é inteiramente permeada pela centralidade da cultura. Cultura não é uma “coisa”, mas uma dimensão: não é um objeto a ser estudado como variável dependente, mas algo integrante e próprio de toda e qualquer relação social.

Foi uma perspectiva compreensiva e incorporadora — nesse sentido, conciliadora — que me facultou olhar de forma renovada um experimento sociológico como foi a condução do *Drummond alguma poesia*, completamente impregnado e permeado pela cultura artística, literária e dos sentidos ali traduzidos. Impregnada de toda a simbologia que envolveu a vida e a trajetória do poeta, não me afastei de um fio sociológico pelo qual, inspirada em Norbert Elias, tentava conectar vida e obra de um escritor aos contextos particulares de formação familiar, de convívio geracional e de cultivo intelectual. No cruzamento de Sociologia com cultura, a lição maior foi ter percebido, ao longo do trajeto, que uma não

⁸ LIMA NETO, Fernando Cardoso. *Sociologia e cultura: a proposta da Sociologia Cultural*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – IFCS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

caminha sem a outra, e a reconciliação provocada no olhar daquele experimento de tempos atrás ganha tons de descoberta como se fora hoje o contato original.

§

Texto recebido e aprovado em junho de 2007.

